

A ZONA



ARENA 1  
ARENA 2  
ARENA 3  
OPONTO  
OCAVALO  
OESCUDO  
ESTRUTURAÇÃO DO SELF  
APONTE  
ATORRE  
VAZIO

DOCUMENTO  
A ZONA

## MERGULHANDO NA ZONA estado temporário – start



Quatro pessoas. Quatro modos de pensar com suas perspectivas. Tantos processos distintos partindo de diversos olhares. O que os uniu durante a elaboração da ideia do que seria A Zona era o desejo por estar juntos. A vontade determinada de gozar da presença uns dos outros.

Encontros virtuais ocorriam com frequência e neles as conversas fluíam buscando um ponto que indicasse o início do trabalho. As experiências anteriores servindo como indicadores. Ao mesmo tempo as experimentações do tempo compartilhado modificando os corpos, os sonhos. Frêmitos. Energia pulsante. Trocas agudas, intensidade em alcançar o que se diz. Falas simultâneas, escutas conscientes de que sempre há ruídos insuspeitados. Mas o desejo pelo encontro falando muito mais alto do que qualquer outra coisa.

As viagens começaram. Corpos deslocando-se em direção a Porto Alegre. Desde o frio. Desde o calor. Hemisférios foram deixados pra trás. Pontos de partida: Estrasburgo, Rio de Janeiro e Arroio do Tigre. O olhar buscando o corpo do outro. O encontro aconteceu. Euforia e insensatez na urgência da troca tanto tempo esperada. Falar. Falar. Falar... Troca de toques deliciados e de ideias nascentes. Florescimentos.

A presença era fundamental. Os corpos sentindo juntos o mesmo calor do verão e a mesma mudança sutil de temperatura ao findar o dia... Os cheiros, os sons, as vozes.

E assim começaram as procuras. O quê exatamente? Como? Um mergulho coletivo e simultâneo é possível? Decisão de tentar. O corpo se colocando mais e mais em foco. Enfoque. Buscaram espaços da cidade que abrigassem o corpo em trabalho.

Alguns, como a pequena arena-teatro: território que os corpos demarcavam com suas movimentações. Medições. Tentar encontrar um lugar para o corpo, que tivesse a sua medida, seus desenhos. Os contornos entre o dentro e fora sendo borrados. Corpo e espaço tornando-se massa.

Outros, como o bairro afastado com nome santo e sua antiga praia com sombras de velhas figueiras, grandes eucaliptos e a tristeza de ruínas na beira do rio. O corpo em diálogo com a arquitetura. Em confronto com o tempo.

Depois de todo um dia trabalhando, sempre a volta para a “residência” e as conversas em torno do que havia sido vivenciado. As jantãs embaixo da goiabeira do pátio eram prolongadas com as discussões do que se tinha ou não alcançado e de como os corpos soaram juntos em cada dia. Reverberaram, amorteceram, absorveram, ecoaram... Tantas possibilidades de trocas de energia e sempre a busca pelo corpo do trabalho. Um corpo que queriam tátil, aberto e maleável. Grávido mas oco. Preenhe de vazios ondeoubessem os sonhos.

O chá após o jantar preparando para o descanso. No outro dia novas buscas seriam empreendidas. Do uso do pátio nasceu um vídeo. O pátio como espaço a céu aberto, porém demarcado. Paisagem recortada. Nela os corpos buscaram formas, cores, velocidades. Intensificaram o ritmo. Adensaram as imagens.

Havia um quê de alucinação em tudo... Devaneios, delírios, desejos, anseios, vontades, fantasias, sonhos, impressões, perturbações, sensações, visões, ilusões, enganos, recomeços, fugas, desvarios, encobrimentos, desvelamentos, confissões, confusões, frenesis, variações, derivações, aluamentos, fascinações, obsessões, abandonos, projeções, refrações, voltas, avanços, sutilezas, descobertas, confirmações, desistências. A potência dos corpos em trabalho.

## O CORPO PODE.

Claudia Paim,  
inverno frio de 2009



## 24 | 008

**ESTADOS TEMPORÁRIOS...** Pela escolha de estar junto, perder os termos, os meios, os pulsos, os porquês, os comos, perder o que pode ser nominado. Buscar espaços onde queremos ir, andar e descobrir por onde se perder. A única coisa que temos é o espaço transcendental que chamamos mergulho. Olho para o chão. Uma mesa é lugar. Uma cadeira é um tempo? Um armário é morar? Acho que temos que tramar um mundo todo. Aparar nossa paisagem interna. Quero o direito de estarmos juntos. Precisamos mostrar as imagens que pensamos e misturar tudo. Mergulho é filho de mercúrio. Atravessar os espelhos. Passar dos limites visíveis, do relógio, do vazio que nos anima. Somos ar, seres imateriais para além de nós mesmos. Sensação da mudança imanente do corpo e tudo que ainda não é, nem está, nem pode ser aqui, nem agora, nem alguém ou ninguém.

## 09 | 208

Acho que precisamos trabalhar sozinhos para daí partir para o junto. Ela pergunta: encontro dia 27 dezembro? E agora estamos realmente cada um num lugar. Eu vejo cada um de vocês no que faço. Vamos ocupar um lugar mútuo de comprometimento com o outro, isso é espaço. Construir o lugar do mergulho. Criar esse espaço para entrega, fazer do encontro a base da experiência e perceber que o espaço virtual não existe sem o empírico. Sabemos que podemos potencializar nossas vidas fazendo A ARTE COMO EXPERIÊNCIA EM BUSCA DO DESCONHECIDO.

## 21 | 208

Hoje: todos no mesmo ponto: Porto Alegre. Estive na paisagem. Me toma. Estamos desaparecendo? Em que lugar estamos indo? No espaço? Isso tudo é ritmo. O corpo vira o espaço, vira essa imagem no seu movimento. Percepção. Ritmo do estranhamento, no tempo do corpo, sonho coletivo. Vamos nos entregar para toda essa loucura, mas não esquecendo que a solidão está sempre como esta sombra que não nos larga e que precisamos aceitá-la. É preciso ser só e junto ao mesmo tempo. Fora dentro, naquele estado que só pulando de pára-quadras para habitar o exterior. Já que pulamos agora é só deixar ser. Habitando o espaço, habitando a imagem. A FORÇA DA GRAVIDADE É MAIOR QUE O SONHO? Mas como colocar essa mudança toda na imagem? Como voar e cair através da imagem? Vivemos nela? Onde existimos? Somos imagem? Quando a imagem do fora vira nossa imagem e quando o inverso? Isto está nas impressões, na percepção? É real? Virtual? Que jogo é esse? (Uma cachoeira). Um dia viro uma poça, outro me encharco de suor. Caio umas 3 a 5 vezes no chão e minha voz anda tão silenciosa. Acho que somos como algo “sem nome” no encontro, e nos fazemos companhia no tempo. Somos juntos um para o outro e nos revelamos como possibilidades. Finitude e infinito, agora só invenção.

## 11:22

O TERRITÓRIO ESTÁ NO CORPO. Podemos abrir o tempo para o nosso desejo e subir na escada do mundo para olhar de cima. Toda a capacidade de transgredir está incorporada, falta algo... Uma escolha? Esse algo está na simplicidade de ver, de falar e mostrar este tempo que é nosso. SÓ O TEMPO É NOSSO. Então, porque não ser juntos e abrir mão de todo o resto para viver na experiência? Nós fazemos um mundo para experimentar o vôo. O mais sincero que podemos fazer por nós é nos escolher. Sou aberto e quero essa experiência. Se somos esse corpo, se fazemos do tempo extensões das sensações do que nos envolve, e transformamos isso em trabalho, temos uma potência para compartilhar e propagar a urgência de correr todos os riscos, experimentando. É o puro isto do simples. Essas coisas sim que quero construir entre nós. Somos uma conjuntura. Mobilidade. Incerteza. Negar-se ser o mundo que não o mundo que potencializamos. Não podemos entregar a única coisa que resta: o isto. O isto de escolher a inconformidade, em tudo, em poder largar tudo, na hora que tiver que ser. Somos corpos mutáveis e estamos assumindo que temos um buraco. Ela pergunta: será que daí ele passa a nos pertencer?



**16:16** A dimensão do livre está justamente em qualquer lugar, em qualquer tempo, desde que seja no corpo.

**12:51** Estamos num estado temporário contínuo e somos ao mesmo tempo, vazio, cheio, tudo, nada, trocas intensas, incomunicabilidade e proximidade cutânea, compartilhando o mesmo sonho na distância caótica de corpos que inquietos se farejam perdidos no tempo. Ainda que o onírico e o íntimo alimentem nosso corpo coletivo, quero afundar nosso navio no abismo do trabalho e construir como um operário que rasga seus músculos para erguer a casa de alguém. O espaço para o outrem. Existe um abismo entre um corpo presente na imagem e um corpo presente na sensação? O simples, para além dos gestos possíveis, dos equipamentos e dos lugares, é o corpo respirando vivo, centro e contexto! Sentir o espaço corporal que cada elemento ocupa e reivindica para si. Quero firmar meus pés nesse espaço móvel para o estar, presente, sensação, nele, neste isto, apenas, e simples.

**19:49** Na paisagem, vendo e desenhando em camadas sobre, sinto como se respirando atrás da câmera que acompanha uma captura temporal. Nem sei quanto daquilo realmente aconteceu. As pequenas surpresas do cotidiano. Estados temporários por um mergulho coletivo sustentável ou abordagem sustentável de um mergulho coletivo? Para onde estamos indo? Um tópos, lugar + gráphein, eliminando o espaço entre o pagus e o horizonte. Deletar o contemplatio da paisagem entre - verbalizar - entrar no entre - acionar a substância da contingência, um dado assíduo no mergulho. Construir o olho por meio de camadas visíveis - circunstanciar e circular - marcar o instante, o acesso para habitar o tempo, e daí começar outra viagem em busca do sentido de lugar ativado, como se uma flecha de marte na altura da cintura apontasse em luz vermelha, seguir.



**16:07** Ontem cheguei caminhando pelas nuvens adentro, sem orientação, sem chão. A crise é a crise das relações. Falta vibração. Risco. Experimentação. O encontro é o lugar e estamos na continuidade da duração infinita até onde os momentos podem ser segmentados ou costurados. O pensamento não dorme mesmo se o sono fecha os olhos. O desejo é comum, a ação é a base do movimento e o tempo é individual. Mas é preciso **SINCRONIZAR PARA AGIR**. O que escolhemos ver não está fora dos olhos e quando nos afastamos para observar por instantes o que fazemos, arte, ou isto que fazemos, estamos dentro dos olhos, como camadas sobrepostas que deixam vaziar o antes no depois. **TUDO NOS OLHOS**. Na verdade, estamos à escuta da simplificação profunda. Aquilo que percebemos, quando nos encontramos para agir, não é nada mais do que as medidas subjetivas do encontro, uma ação possível. Assim escolhemos seguir, fazendo um espaço para trabalhar.



A distância é sempre relativa se a ação real está antes na sua possibilidade, e depois na paixão, na imagem, no tato, na mudança do estado potencial para o movimento dos olhos ou dos ouvidos. Todo o corpo na construção do inevitável, na imagem antes de percebê-la, está na ação e seu movimento está em nosso movimento. Ela em si é o fim, a imagem é o fim e a finalidade do movimento, por isso prefiro não acreditar na morte. Não quero acreditar, pois a continuidade está dentro mesmo se estou sobre cama. Não acredito nas imagens, acredito na sua mentira, qualquer atrito, chão de pé, cadeira de bunda, a água no chuveiro, a comida descendo até o estômago, tudo isso faz lembrar da existência e pode começar e terminar. A continuidade é trans, é conjugação temporal no movimento das coisas nos corpos.

**16:3** | Nisto que fazemos, colocamos uma questão que se autoresponde em forma de questão. Do fundo do que fazemos, ao fazer, expelimos esta interrogação: por que fazemos? Por que somos levados a isto assim? Pergunta que não admite resposta objetiva e extrínseca. O porque somos levados a isto e assim, brota de um chão relacional no tempo do agora que é antes e depois ao mesmo tempo: a **contEMPORALIDADE**, justo para diferenciar da contemporaneidade. Porque as coisas são assim para nós no tempo em que vivemos. Conformismo é submeter o pensamento ao tic-tac e não é o que fazemos ou desejamos fazer. **CORPOS-EM-SEQUÊNCIA-ATRAVÉS-DE-PEQUENAS-FORMAS-OBJETOS-ENERGIAS**.

## 040209

Chegada. Desierto en los ojos. Assustadoramente absurdo, louco, onírico, nós 4 juntos? Somos velhos tribais, corpos antigos. Ando pensando muito em coisas como ver através. Arrumo minha mala mais uma vez e me preparo para nosso encontro. Translucidez da imagem. Mais uma vez, de muitas outras. Presença, superposição e pouca coisas nas mãos. Algo que atravessa e mistura na crueza. Mesclar é o mais importante. **ASTRONAUTAS DA TERRA** experimentando o absurdo.

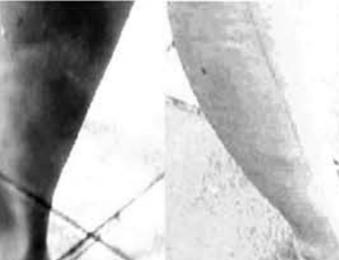
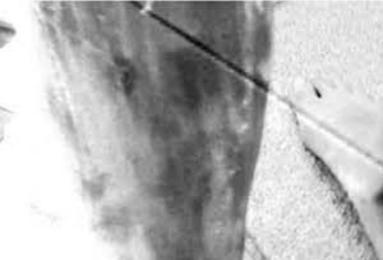
Entre num beco do saara e ouvi invasão. Mundo como um corpo virado. Chegar é estar com quem nos encontra. Ver é maior, ver é sentido. Atravessamos o mundo e só enxergo através do movimento. Ir fundo. **Ca\_i\_ndo**. Na entrega. La serena.

## 050509

Aterrisei em Porto Alegre para o nascente do guaíba. Re-entrei na cidade lendo c.f. no ônibus do tempo antigo, poltrona 11. Máquina de escrever, máquina de imaginar, tripé e caderno para descer a santo antônio em direção ao escritório mergulho. Lendo de branco, ele diz: quero ficar tranquilo nisso. Ela de chapéu de palha chega do deserto pelo pátio da casa azul de c.p. 24H, aeroporto, ele quer fumar com a mochila nas costas. Estamos no verão e o hoje 12, do encontro mergulho, teatro de arena, a história da cidade. Buscamos pela luz cênica, pela perda do espaço e do corpo. Paisagens **ARENA 01, 02 e 03**. Tadeu pé-de-vento, o iluminador, deseja sambar no carnaval. Outro dia e **OPÁTIO** à tarde nem tão quente assim. Mesa e olhos para o jantar. Tanto tempo fazia, tanto tempo para estar diante de nós e **OPONTO** nos altos do morro. Câmeras tripés e suor. Articulação, concentração, movimento, expansão, dissolução. O tempo de cada um até o tempo coletivo. Subimos a serra para habitar coletivamente, ininterruptamente. Chove. **OCAVALO** enquanto buscamos a paisagem para expandir o corpo e sermos carregados pela chuva. Ainda chove. Comemos pipoca enquanto o ônibus não nos tira de lá, do buraco úmido. Ruídos na comunicação e estranhamentos. O que estamos fazendo aqui mesmo? O retorno afinal, para o pátio. Arena em reforma, último dia antes do fim da quarentena. **OESCUDO** e mascaramos o desejo de ser para ser outra coisa juntos e desaparecer na segunda noite com teus olhos vazios de ansiedade. Amanheço e ela deitada no sofá com l.c. na barriga me diz: **ESTRUTURAÇÃO DO SELF**. Ele chega com grão de bico e berinjela para viver um dia de liberdade e abertura. Apenas estar entre pontos amarelos no chão cinza. Vivenciar. Mini deserto impedido, escada oscilante e **APONTE** ruidosa como a pele. Enfim, **ATORRE**, o encontro do corpocoletivo e o **VAZIO** para a experiência 1+1+1+1.

Qual a sensação mais potente? Estar presente? Estar ausente? As oposições refletidas no espelho? Um expande, outro contrái? Impacto da edição isolada. Montagem das linhas em movimento para um produto instalativo ou proposta de experiência para o outro? Equipamentos disponibilizados. Escolhas. Linha 1, 2, 3 e 4. O que tem luz e o que silencia, o espaço de um, a voz do outro. Questões técnicas e desde do antes, sem paredes. Um projetor limitado para criar a língua do catalisador imaginado junto a p.l., e a edição final. Noites poucas, sentados ao redor de uma mesa no paraíso da paulista. Decisões coletivas. Testes de dvd. Abertura e interrupção. O castelo branco e gelado ensurdeceu e nos perdemos.

**19:23** Durante a construção dos ets\_A ZONA voltei no tempo ou fui além dele: para frente, para trás, tudo ao mesmo tempo. Ainda estou gerando essa memória da experiência, tentando imaginar a imagem coletiva do mergulho. Criamos um lugar para habitar, mas alguma coisa abrupta nos afastou enquanto as palavras começaram a surgir aos poucos. O impacto dA ZONA foi imenso e gostaria ainda de pensar os istos e algos desta experiência compartilhada enquanto seres, trabalhadores, artistas, já que o mergulho como escolha de trabalho é um lugar para sermos sempre encontro. E parte dessa base: O ENCONTRO NO MUNDO COMO OPÇÃO PARA TRABALHAR A EXPERIÊNCIA EM CONJUNTO. Nossa escolha pela imagem e pelo tempo. Mas o caminho não é o vídeo, e sim algo porvir, em construção.



**180309**

Começaram a cair as fichas. **00:07** E agora? Só pode ser babilônia, porque nos perdemos muito e o erro traz a crise. Era difícil pensar do que o trabalho precisava. O jogo é como a memória. Algo que temos forte, mas sempre uma nova descoberta. Temos que levar a coisa até o deslimite. Não esqueço aquela tribo no deserto. Nosso desejo tem mais a ver com aquilo do que com abertura de exposição. Só vivo o calor. O MUNDO É CELSIUS no risco e na aposta de que os dias virão para perceber o dentro e o fora ao mesmo tempo.

**220409**

O mergulho é a nossa escolha de trabalho e é importante que esteja claro. A nossa relação e nosso amor. Isso é a base de tudo, isso é a nossa pureza, nosso lugar. Assumo os riscos, mas não posso ser mergulho sem que todos sejamos juntos, e cada um na sua própria desmedida. Sinto assim e estou tirando a pele para descobrirmos juntos se queremos ser mergulho. Se queremos ser a busca, a brincadeira, o riso, a leveza, e os opostos. É conquista e o trabalho é o meu corpolugar no mundo. E todos somos responsáveis pelo corpo que ele assume. Em isso, sem essa maturidade compartilhada, não há voo, não há mergulho.

**300309**

Volta e meia aparecem nossas vozes reflexivas atormentadas, críticas e em crise. O que a gente quer mudar? Sala escura com projetores? A questão é que não se busca a EXPERIÊNCIA em arte. O que ele disse? Obra de arte não muda. Temos que nos posicionar, arte para nós é isso: experiência individual e coletiva, ao mesmo tempo. Fala-se um monte de experiência, mas se o trabalho não é performance, o artista não tem direito de fazer mudanças. Bulhufas!

**SINTO  
FALTA  
DO SOM  
SINTO  
FALTA  
DO SOM  
SINTO  
FALTA  
DO SOM**

**01:53** IMPULSIONAR O HUMANO: Não sei mais que tempo tenho vivido. A cada dia sobra menos. As paredes da casa já caíram. Está tudo no visível e não compreendemos nada. A cidade é a mais antiga da América e de lá está vindo todo esse isolamento. Não saiam de suas casas. Tantos sinais que não somos capazes de compreender. Subir montanhas para encarar o abismo. O mundo está em nós. Não há mais nada. Estou seca. E vou até não saber mais aonde ir, porque vejo raios luminosos que me avisam para não me envenenar. Para ficar concentrada na tragédia e aceitar. O telefone tocou.

Não sei mais onde procurar. Mas acordo e durmo procurando. A busca é todo instante, não há mais volta. Transformação que inverte todos os sentidos. E tem um enquanto que é não saber mais quem está habitando o meu corpo. Pessoas com máscaras. Pessoas com medo. Nós sempre, no mesmo tempo, que é passado-presente-futuro, fingindo alguma evolução. E qualquer evolução que não seja com amor e generosidade nunca existirá. Porque não escolhemos o caminho da possibilidade? De realmente se perceber potente e colocar força no que realmente se deseja. E que seja total. E que seja para o além de si. A duração e o eterno no mínimo que temos. Cada pedaço é fato importante do todo. O tempo é maior do que este ano. As horas escondem o ínfimo. Finito e infinito, meu e teu, interno e externo, profano e sagrado, todos se misturam e não sei mais onde se limita um e outro. Nem o corpo é mais um limite. Somos um corpo. E realmente me sinto só. Sim, precisamos de um novo estado de consciência. Precisamos impulsionar o humano. Preparar nosso planeta para a nova era que já está aqui. No agora. Exatamente agora. Se tudo isso for utopia, não me importo mais. Nada mais faz sentido se não for profundamente sentido. Preciso me sentir conectada. À natureza. À vocês. E quando não foi assim? Porque mentimos não ser nossa necessidade. Preciso gritar?  
**E-U-PRE-CI-SO ME SEN-TI-R CON-EC-TA-DA!**

**220409**

Ela diz: quero mostrar aos outros, até para conseguirmos repensar o trabalho. Pensei em mostrá-los logo, sem reedição, para rever mesmo. Acho que aprendemos muito revendo e vendo com outras pessoas. Eu preciso vê-los com outros, arte é isso para mim. Até para podermos entrar na coisa de novo. Vamos juntos? Agarrar este trabalho mergulho? Passamos da parede, agora nem imagino como parar. Hora de cavar no escuro. Colocar as coisas no mundo. Fora extra. Ir para o além.



**A ZONA ESTÁ SENDO CRIADA.**



**09:46** O encontro no EXATO para construir algo em comum e reentrar na troca, colocando o corpo no mergulho, como uma adaptação/transformação a ser explorada nesses tempos de virtualidade. No mundano de fato, o trabalho existe para o outro, e a necessidade de compartilhar é cada vez maior. Tanto pela necessidade íntima, como pela necessidade de percebermos o trabalho como potência de algo que queremos e ansiamos através da arte. A ideia é sempre retornar ao íntimo para fortalecer o coletivo que precisa de todas as partes. Os meios para nos aproximar existem atualmente e podemos dar um uso fortalecedor a eles.

Nos encontramos e sentamos no banco de madeira nas bordas da redenção que há algum tempo chamamos de atelier transcendental do mergulho. É lá que muitas conversas iniciaram, como na mesa da cozinha onde enchíamos a mente de ideias e o coração de cafeína. O limite foi sempre tentarmos nos sentir bem, mesmo sem entender nada. Abrir para o instante.

Queríamos fazer imagens e viver, procurar lugares que nos interessassem para desenvolver alguma ação, correr no espaço, olhar o horizonte, deitar na grama, suar, sentar, cair, e as imagens vindas disso seriam parte da memória dessa experiência. A instabilidade é algo que mexe muito com a gente. Não sabíamos aonde íamos, tínhamos desejos, mas por onde eles se cruzavam? Estávamos no limite de nos perder inteiramente? Criar a nossa dinâmica, misturando subjetividades e querendo desenvolver um imaginário coletivo me perturbava muito. Hoje, após a experiência, temos A ZONA, que é um imaginário coletivo. Temos. Porque já nos perdemos. E desse tempo e mistura de nossas vidas e dos nossos desejos, temos memória de um mesmo tempo vivido.

Imagens, vídeos de experiências da nossa busca pelo contato com o mundo, com nós mesmos, com a realidade presente em cada lugar. Fomos atrás de paisagens, será isso mesmo? Nossos vídeos, muitas vezes, são abstratos, vamos a lugares, queremos a força que vemos ali e colocamos, muitas vezes, justamente o que falta para ter a dimensão do tempo e do trabalho em conjunto. Insistir no processo sempre, apostando na descoberta de onde nos formamos mais como ser do que como produtores de algo. O produto é a própria experiência vivenciada pelos sentidos, corpos e imaginários enquanto saboreamos desta mesma magnitude e fascínio pela imagem e vida.

## 010509

Eu não tenho nada ainda, apenas palavras, lembranças e imagens como matéria fresca para trabalharmos e isso é um espaço de desenvolvimento de ideias. Imaginei como ele é mesmo, como uma entrevista entre nós. Tenho pensando em como fazer a anatomia mergulho. Apresentar o que é nossa dinâmica, que corpo é esse que temos no atual momento, como agimos, quais as formas que conseguimos trabalhar, rever algumas coisas para pensar como produzimos. **QUE CORPO É ESSE?** Basta olhar o agora, o como estamos fazendo, como esse espaço por exemplo, somando a memória crítica do passado. Só evoluímos quando revemos. Acho que reentrar é a intenção de compartilharmos nossas memórias, como trabalho novo. Colocar a potência em algo que vai surgir com esses vários pedaços. Acho a ideia de anatomia perfeita para falarmos de formas de organização e isso é necessário para a sobrevivência coletiva. Trazer a percepção de cada um sobre o corpo mergulho a partir de um pensamento anatômico e irmos desenvolvendo a nossa proposição. Isso, vamos montando como peças de uma constelação. Escrever é algo que tem seu tempo e por mais que seja um novo texto, que é o trabalho de remexer, ao EDITAR os textos individuais e os bate-papos, tentamos nos transportar temporalmente para aquele momento. Estou caindo lá também, a partir do instável. O risco é uma aposta, um pacto. Ela diz: colocamos essas trocas e vamos interferindo nelas? Porque ação pede outra ação - reação. Montar coisas comunicáveis?

**VOUS AVEZ ÉTÉ INVITÉ À CE SALON DE DISCUSSION!**

**19:42** Desenvolver um processo junto, criando para nós um passo para a experiência onde o encontro é que vai desembocar todas as partes, é trazer os caminhos. O porvir. Deixar o porvir nascer. Editamos juntos. Comemos juntos. Fumamos juntos. Cerveja juntos. Dormimos juntos. Vivemos uma residência em Porto Alegre porque queríamos estar juntos nesse verão. Eis o elo. Isso constrói em nós um corpo mais interligado e amplia nossos limites individuais. **SINTO A MISTURA** da nossa memória, das nossas entregas, dos nossos medos. Somos reflexo um para o outro. O corpo é invisível. O mergulho é transcendental. Perguntas que me faço e transmito a vocês para pensarmos sobre nossa estrutura que já trabalha há 5 anos. O corpo. Nossa dinâmica? A base é o encontro? O que nos liga é o corpo? Que é este corpo que já criamos e que já é o 5, pois não é nenhum de nós, mas depende de todos para continuar a ser? Elaboração a distância funciona? Tudo sempre começa com o encontro, mesmo que virtual? Partimos da ideia da elaboração coletiva, exigindo um pensar e um trazer de cada um.



Na casa ar, tudo começava numa mesa com café. Olhos que desejavam criar algo coletivo. Misturar interior e exterior a todo tempo. Mesclar as ideias. Testes e incógnitas. Mistério e vontade. Vivemos um estado de abstração? A partir deste instável, criamos? Para onde está indo nossa potência no momento?

**01:09** Primeiro as paredes caíram. Hoje as horas. Não há mais distinção entre noite e dia. Os pólos se encontraram. O corpo continua seco. Beber o possível. Sugar o seio da impossibilidade. Hoje foi mais um dia que vibramos juntos. Lançar-se no espaço. Humano-cometa. Vamos?!! Ser mutantes lutando por espaço? Porque, afinal de contas, acho que tudo é uma luta pelo como escolhemos viver o tempo. Esse espaço é o presente. Não deixar os sonhos secarem. Arte modifica toda a percepção da vida. E que por toda a importância que tem para a minha vida, não me acostumo com a demanda expositiva que dizem existir.

Me coloco cada vez mais longe. Olhos para o infinito. Quero viver intensamente a necessidade que deixamos florescer. Como agora, depois de termos mergulhado juntos nesse verão. Tantas lembranças, que a cada vez que vejo nossos vídeos tenho vontade de chorar de agradecimento. Profundo e simples sentir. Entregar com toda a fé, coragem, ao processo que escolhermos viver.

**16:26** Os estados temporários não é uma coisa só. Este pequeno suspiro de agora é devido a nossa vontade (paradoxal) de eliminar as distâncias, mantendo as diferenças. Essa abertura está claro-cristalina nos estados temporários que em si são estados que não são delimitados em “formas”, mas sim em forças. É essa permeabilidade que os novos estados temporários propõem entre nós. É um lugar ao qual todos pertencemos. Talvez seja isso que busco ver no fundo e opto pela dissolução com presença, revendo na memória todas nossas conversas críticas sobre o processo. Onde o todo (o junto) é maior que a soma das partes adjuntas. Me sinto muito contente como luz no desenho, sempre fomos muito mais desenho que outrem, e fazer atenção às coisas, que de tão assimiladas passam inconscientes no ato, mas que estão na imagem.

Essas experiências existem e nós com elas, não vejo outra forma de existir além do trabalho mergulho que se amplia cada vez mais na maior elegância-luz.

**16:53** Dentro da ZONA lembramos das perguntas sobre o absurdo na realidade, sobre arte no SOCIAL. Lembramos dos sonhos durante a insônia, e das palavras que se movem em ignição, trazendo a força para o agora, mesmo que tudo esteja sempre no porvir. Estabilizamos o movimento para construir um documento do nosso imaginário, misturando tudo com as vídeo\_experiências da ZONA, onde queremos que se perceba uma qualidade de insistência do mergulho, o ENTRE. O social da escolha coletiva é instaurar um mergulho na realidade, como um corte. **17:39** Aqui, no opatio, CONTINUO NO EIXO. Vem falar sobre mistura comigo? Trabalho novo com foco na errância e na paisagem. Tudo, até nossos corpos e os lugares onde estivérmos, são imagens.

Misturando como um arqueólogo visual, para quem o antigo e o novo estão juntos no corpo construtor de realidades, as anotações que permanecem, são um universo solto.

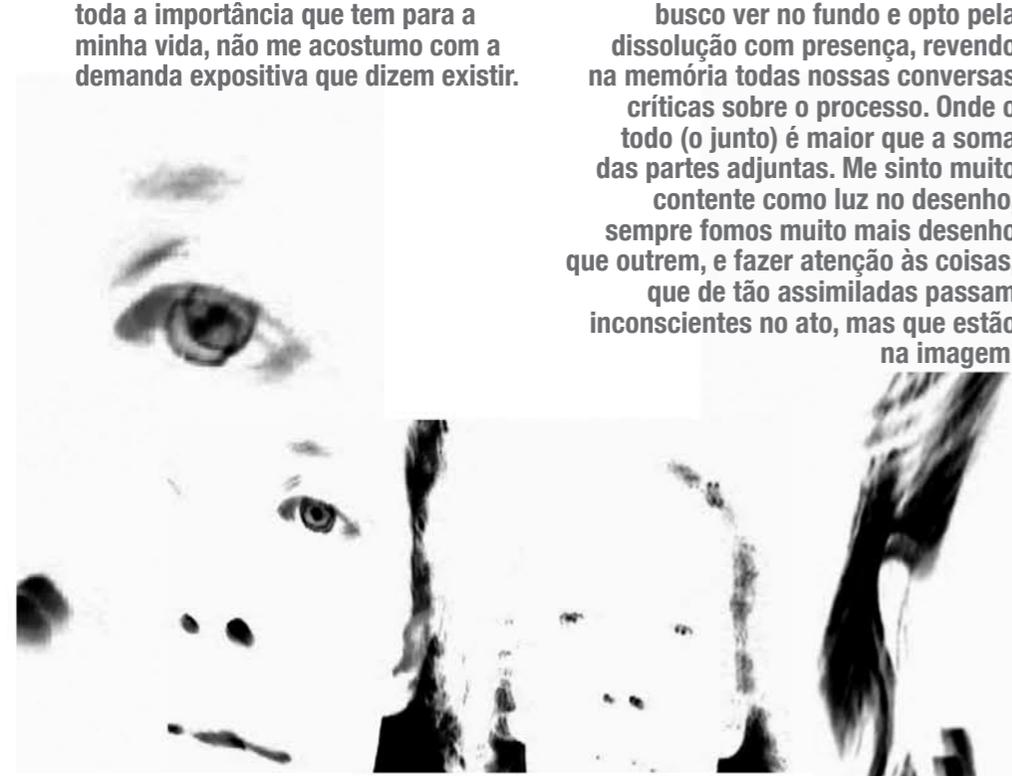
**18:25** Como fazer este projeto a quatro corpos, nas mesmas medidas, em latitudes diferentes? O que poderia ser o “algo aglutinador”? Um espaço caótico, textual, transportável pelo corpo, que acumula camadas temporais enquanto nossos pés são absorvidos? **19:31** O texto é fragmentado. Olha com teus olhos, pois precisamos medir a construção. Leia tudo sem pensar. **10:28** Na escavação da experiência, a energia de fazer acontece triangular. Catando as palavras me surpreendo de VER A VOZ DO MERGULHO surgir. Desamarrando as cordas que ligam ao território. É preciso fazer a inversão da origem, o meio está escolhido!

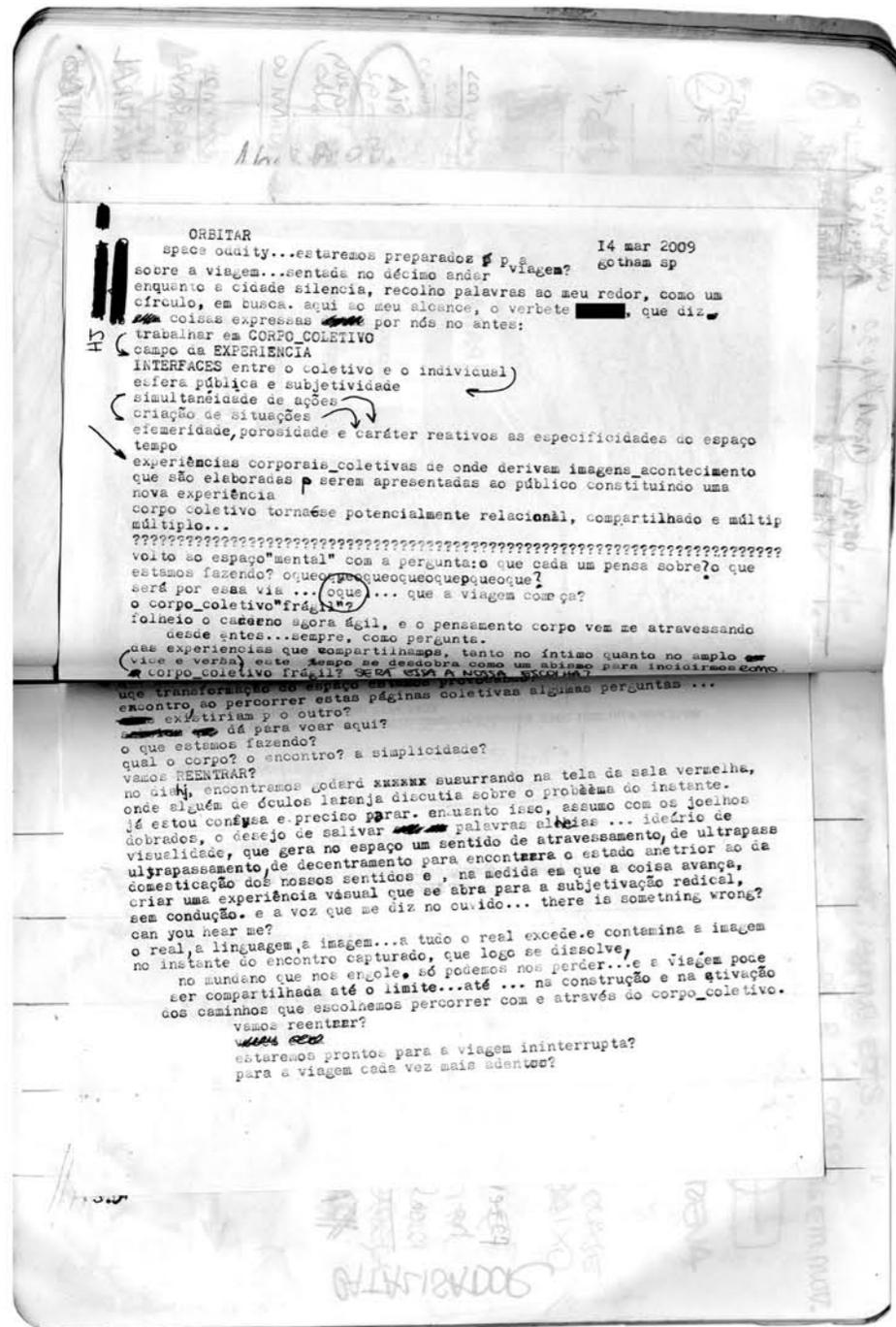
E como o corpo mudou. Está vertendo na vibração no dia a dia, nos buracos mais profundos, tudo mixado e aos poucos as coisas vão indo ao que queremos, sem abrir mão do que sobra no caminho de limpeza, claridade. Precisamos criar caminhos de minhoca. E esse aqui? Virtual? Extra-presença? Para mim é uma alternativa ao tempo do aqui. Vem comigo ver essas imagens? Onde tu andas? Só com os mortos agora. Ando com eles e ela nem toca o chão. Levitando, frágil, frágil. Queremos o som.

**16:13** Importante falar do agora. Esforço de construção do tempo para as intensidades, pela potencialidade da ação. **19:45** As semanas voam entre nós, e sigo pensando no tempo da ação, para que o documento seja o que sabemos que ele pode ser: intenso. É como se estivesse cavando uma curva no tempo onde tudo cai num buraco. E lá só existe a entrega, a nudez e o movimento. Puro corte no tempo. Lembro das imagens douradas no campo verde de céu azul. É transmutante. Era o início. **17:51** Só resta o subietivo, o íntimo trabalhando. **15:09** O som caos-casa. PLANO CINEMA! Experiência no antigo da imagem também. Pensei em algumas palavras-voz, abre a sensação. Os ruídos cotidianos são algo do real no absurdo. Sigo ouvindo no tempo os susurros da zona. Estou emocionado com o som.

**13:55** Texto-fala. Gosto que cada um está ocupado em um ponto exato na construção do documento. Aburacou de vez. Que vontade incessante desse trabalho. Não sinto falta de mais nada. **09:31** O melhor som é o do lugar. **13:41** O documento precisa respirar, ser leve e imagético como um plano cinema. Nos textos, estou contruindo como literatura. Várias vozes, tudo num incêndio. Imagem e texto ardentes.

Vamos abusar das imagens ainda mais, enquanto ele se solta dentro do som? Às vezes, precisamos gritar para que o texto seja a voz da experiência. **15:04** O vazio traz a sensação de que no final da experiência da residência, entramos na ZONA mesmo! Vou fumar um pouco para respirar. **18:05** Decupei todos os vídeos em seqüências fílmicas. É quase como reinventar tudo. 1 Frame por segundo para chegar ao mínimo.





**15:44** O tempo passou sem sentir, mas caminhamos juntos. A cada troca encontro coisas importantes para o trabalho que trazem a sensação do processo, da experiência. Tudo parece puro disforme e a impressão é que o trabalho nunca termina. Como é dolorido o espelhamento que o trabalho sobre a experiência revela. A gente mexe com momentos completamente contraditórios e se deixa ir, se permitindo reorganizar uma ideia, uma sensação ou pensamento. Uma obsessão pela ZONA se desdobrando no tempo. Lembro como a edição foi dura. Foi ai que as coisas apareceram e que deixamos em camadas submersas no tempo da experiência no lugar. Enfim, amadurecer no processo do tempo. É isso que buscamos no momento após a residência e tudo pode ir além. Esse processo nos condiciona a profissionalizar pelo puro amor ao fazer das coisas. Precisamos ampliar em todas as etapas. Desde a camera nos lugares até a edição e o áudio. Sinto vontade de pensar junto essa fase que também é dura.

# A ZONA



O mergulho é uma EXPERIÊNCIA coletiva de quatro artistas que desenvolvem e compartilham a pesquisa em imagem como interface entre corpo perceptivo e mundo. Realizamos ações que lidam com a virtualidade do acontecimento como lugar no mundo para o encontro.

O projeto ESTADOS TEMPORÁRIOS é nossa estratégia propositiva e envolve um estado corporal de busca por espaços e contextos específicos, possíveis de serem habitados temporariamente, onde são realizadas imagens na experiência relacional, a partir de processos de trabalho individual e coletivo.

Os desencadeamentos imagéticos destas experiências são elaborados em conjunto, gerando documentos de trabalho que trazem a realidade do mergulho em qualquer ação, mesmo quando adensados no espaço virtual, um lugar comum que ocupamos como “navegadores à deriva”, já que atualmente lidamos com a distância tempo-espacial entre nós.

Coletivo Mergulho

ali khodr  
manuela eichner  
camila mello  
jorge soledar

Documento: A ZONA

Agosto 2009

<http://corpoliquido.wordpress.com>  
[www.youtube.com/corpoliquido](http://www.youtube.com/corpoliquido)  
mail: corpoliquido@gmail.com

revisão de texto / Vera Lúcia Ferreira Eichner

Este documento foi EDITADO - texto,  
projeto gráfico e áudio - ONLINE,  
coletivamente, entre 2008/2009.

**ESTADOS TEMPORÁRIOS: A ZONA** foi a experiência gerada pelo encontro do coletivo mergulho para a realização de uma residência artística, no verão de 2009, em porto alegre e seus arredores. Nesse tempo, foram realizados 12 vídeos que compõem a zona, experiência mais intensa vivenciada pelos integrantes do mergulho na construção de um imaginário comum.

A ideia de um documento para convergir os pensamentos e imagens realizados no percorrer a zona surge do desejo de ampliar o processo que envolveu tal experiência, e assinala o esforço artístico e intelectual do grupo, conectado à memória dos lugares específicos que foram acionados como espaços-suportes para a ação.

O conteúdo do **DOCUMENTO: A ZONA** apresenta as conversas e trocas do coletivo através de imagem, escrita e diálogos virtuais, escolhendo o desafio de tornar a experiência artística compartilhada.

« **ESTADOS TEMPORÁRIOS: A ZONA** » (Etats Temporaires : La Zone) est l'expérience générée par la rencontre des membres du collectif « **MERGULHO** » à l'occasion d'une résidence artistique durant l'été 2009, dans la ville de Porto Alegre et ses environs. C'est dans ce contexte qu'ont été réalisées 12 vidéos de ce qui a été pour les membres du collectif l'expérience la plus intense dans le processus de construction d'un imaginaire commun.

L'idée d'un document qui réunisse les pensées et les images du parcours « **A ZONA** » est issue du désir de donner suite à ce travail, à cette expérience, qui renvoie à un effort artistique et intellectuel basé sur la mémoire des lieux spécifiques qui ont été utilisés comme espaces-suportes pour ces actions.

Le contenu du document « **A ZONA** » présente les conversations et les échanges du Collectif à travers des images, des écrits et des dialogues virtuels, relevant le défi de faire advenir une expérience artistique partagée.

« **ESTADOS TEMPORÁRIOS: A ZONA** » (Temporary States: The Zone) was an experience generated by the encounter of the group « **MERGULHO** » for the accomplishment of an artistic residence, during the summer of 2009, in Porto Alegre and surroundings. At that time, 12 videos have being produced composing **THE ZONE**, the most intense experience building a mutual imaginary lived by the participants of « **MERGULHO** ».

The idea of a document, to converge thoughts and images, made going through **THE ZONE** emerges from the desire to increase the process that wrapped that experience, and distinguish the artistic and intellectual effort of the group, connected to the memories from specific places that were set in motion as spaces-support for action.

The document's content : **THE ZONE** presents conversations and exchanges of the collective through image, writing and virtual dialogs, choosing the chalange to share the artistic experience.